



A Economia nas Telas: Percepções de jovens sobre o Estado

The Economy on Screen: Youth Perceptions of the State

DOI: 10.23925/1806-9029.37in.2(68)74198

Autor: Francisco Thainan Diniz Maia. Professor na Fatec, doutorando em Ciências Sociais na Unicamp. E-mail: f240139@dac.unicamp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4114-4089> - Submissão: 07/2025 - Aprovação: 10/2025.

Resumo

Alunos de cursos técnicos de gestão e negócios foram questionados quanto à construção de ideias que formam seu posicionamento econômico, com ênfase no acesso à informação e nas percepções sobre a participação do Estado. A pesquisa, de natureza exploratória e abordagem qualiquantitativa, fez uso de questionário aplicado em três escolas técnicas de São Paulo. Os dados indicam assimetrias informacionais, forte influência de discursos neoliberais e relativa fragilidade de argumentação sobre temas econômicos entre os estudantes investigados. Diante disso, a escola e a mídia surgem como agentes ambíguos nesse processo, uma vez que a consciência econômica, principalmente a juvenil, se mostra como campo em disputa, marcado por tensões formativas e sociais.

Palavras-chave: Juventude; Consciência econômica; Neoliberalismo; Educação econômica; Mídia e opinião.

Abstract

Students in technical education programs in management and business were asked about the construction of the elements that shape their economic positioning, with an emphasis on access to information and perceptions of the State's role. This exploratory study, using a qualitative-quantitative approach, applied a questionnaire in three technical schools in the state of São Paulo. The data indicate informational asymmetries, a strong influence of neoliberal discourses, and a relative argumentative fragility on economic issues among the students surveyed. In this context, schools and the media emerge as ambiguous agents, as economic awareness - especially among youth - appears as a contested field marked by formative and social tensions.

Key-Words: Youth; Economic awareness; Neoliberalism; Economic education; Media and opinion.

JEL: A22; D83.



Introdução e marco teórico

O surgimento das redes sociais transformou e tem transformado diariamente as formas de obtenção de informações por parte da população. O surgimento de novas redes sociais e seus algoritmos impacta diretamente o modo como os agentes econômicos acessam e processam informações.

Tal qual apontado por Castells (2009), a sociedade está organizada em rede, na qual a informação segue um fluxo descentralizado, mas ainda sim, nem sempre de forma democrática. A autocomunicação de massas, ao permitir que os usuários escolham e compartilhem conteúdos, amplia a sensação de autonomia, mas também alimenta bolhas ideológicas e reforça a circulação acrítica de discursos econômicos dominantes. Isso se reflete, entre os mais jovens, na forma de compreensão e avaliação da atuação do Estado, criando sua consciência econômica baseada em filtros, algoritmos e narrativas de autoridade midiática. Logo, a avaliação crítica nos meios de comunicação é elemento central no campo da educação.

Ao analisar o consumo de informações pelos estudantes, é importante reconhecer que a recepção de conteúdos midiáticos não é neutra, mas mediada por experiências sociais e culturais. Nesse contexto, o estudo tem como objetivo compreender de que forma os agentes acessam as notícias e informações econômicas, mapeando as preferências por veículos e meios de comunicação utilizados. Além disso, procura analisar como tais canais podem influenciar as percepções dos usuários sobre a intervenção do Estado na economia, destacando as áreas em que tal atuação é considerada mais relevante, as consideradas secundárias, e se, de fato, o Estado deve desempenhar funções de promotor do funcionamento econômico.

Desse modo, cabe destacar o papel da escola, em especial das instituições de ensino técnico, como um espaço de mediação crítica da informação, principalmente diante da crescente influência das mídias digitais na formação da opinião pública. Ao disponibilizar cursos de formação direcionados à gestão de negócios, as escolas não apenas preparam os alunos para o mercado de trabalho, mas também devem promover o desenvolvimento de competências analíticas que permitam aos estudantes filtrar, reconhecer e, sobretudo, interpretar criticamente os discursos econômicos veiculados pela mídia, fortalecendo sua autonomia cidadã diante das narrativas hegemônicas.

A compreensão da formação da consciência crítica, sobretudo, em assuntos econômicos no que tange a luta de classes, requer uma abordagem crítica e situada. Freire (2005), ao realizar uma reflexão acerca da educação como prática da liberdade, propõe que o processo educativo deve possibilitar aos sujeitos a crítica do mundo, com ênfase no que diz respeito às estruturas econômicas que moldam a realidade. No ensino técnico, essa perspectiva tem centralidade, pois os estudantes não absorvem conteúdos simplesmente, mas elaboram, através de vivências e mediações pedagógicas, interpretações sobre as funções do Estado, o mercado e as condições materiais de suas respectivas existências.

Bourdieu (2004) auxilia essa análise ao evidenciar como os diferentes capitais (econômico, cultural e simbólico) influenciam a forma como os indivíduos se posicionam



socialmente e paralelamente percebem a legitimidade das instituições. No caso dos estudantes do eixo de gestão e negócios (objeto da presente pesquisa), suas opiniões sobre temas como intervenção estatal e políticas econômicas são atravessadas por disposições obtidas por meio de trajetórias escolares e midiáticas carregadas de assimetrias. A não familiaridade com vocabulários econômicos ou de perspectivas críticas tende a reforçar uma aceitação ausente de crítica de discursos dominantes, o que mostra a importância de um campo educacional que seja capaz de promover a reflexão acerca dessas narrativas.

A interpretação das mensagens econômicas é atravessada por contextos de classe e trajetórias de socialização, conforme aponta Martín-Barbero (2008), sendo a mídia parte ativa na produção dos sentidos sociais. Partindo de Marx (2011) e das formulações de Habermas (2012), a esfera econômica não pode ser isolada das estruturas sociais de dominação e dos processos de reprodução ideológica. Pelo contrário, a ideologia econômica veiculada na mídia e por certas rationalidades neoliberais (Dardot & Laval 2016) atua sobre a formação da opinião pública, especialmente na juventude que ainda está consolidando o seu *habitus* político. Em contextos da periferia econômica, como os vivenciados na América Latina, tal construção ideológica se dá em meio à precariedade, à desigualdade estrutural e à colonização informacional, que exige críticas situadas das formas de circulação e internalização do discurso econômico dominante.

A coleta de informações foi feita por meio de um formulário online, cuja resposta era facultativa para alunos de cursos técnicos, vinculados ao eixo de gestão e pertencentes a três escolas, localizadas na região metropolitana de São Paulo. O formulário ficou disponível entre os dias 14 de fevereiro de 2024 e 12 de março de 2024, resultando em 105 respostas não duplicadas desses alunos⁴⁶.

I. Metodologia e coleta de dados

Para analisar como estudantes de cursos técnicos na área de gestão e negócios buscam informações econômicas e formam suas opiniões sobre a participação do Estado na economia, o questionário foi disponibilizado, exclusivamente, para alunos regularmente matriculados em cursos técnicos vinculados ao eixo de gestão e negócios. Essa delimitação justifica-se pelo fato de que a colocação (potencial) no mercado de trabalho ou em posição de atividade empreendedora dos alunos, implica conhecimento ou interesse por temas econômicos, dada a importância dessas informações para entrevistas, desempenho em postos de trabalho e estruturação de novos empreendimentos.

O primeiro bloco de perguntas foi integralmente obrigatório, traçando um perfil acerca do curso em que o entrevistado estava matriculado, bem como a sua idade. Posteriormente, duas perguntas também exigidas para quem respondesse o

⁴⁶ Todos os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa e autorizaram, de forma livre e esclarecida, o uso dos dados para fins acadêmicos, com garantia de anonimato e sigilo. A pesquisa está em conformidade com os princípios da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (Lei nº 13.709/2018), assegurando a confidencialidade e a finalidade específica do tratamento das informações coletadas.



questionário, objetivavam verificar: (i) se o aluno acompanhava notícias sobre os temas econômicos (com respostas binárias), e; (ii) com que frequência lidava com essas informações (com cinco periodicidades pré-definidas).

Posteriormente, o formulário buscava identificar as formas de obtenção de informações econômicas dos entrevistados, possibilitando que estes assinalassem mais de uma alternativa ou a opção “nenhuma”. Após essa etapa, as perguntas delimitavam os veículos informacionais utilizados especificamente em: (i) jornais impressos ou online, (ii) programas informativos televisivos e por fim (iii) buscavam delinear canais ou redes sociais utilizadas pelos alunos. Em todas essas três perguntas, o respondente poderia selecionar mais de uma opção, citar nominalmente um canal não especificado nas alternativas ou indicar a opção “nenhum”.

O tópico ulterior foi criado com o objetivo de traçar tendências opinativas acerca da participação do Estado no funcionamento econômico, o aluno respondeu três perguntas obrigatórias que exigiam que classificasse as três principais funções do Estado na economia. A primeira delas, pedia para que o aluno destacasse uma das seguintes opções como a principal atividade a ser desenvolvida pelo Estado: (i) erradicar a pobreza; (ii) regular setores estratégicos: Comunicação, Saneamento Básico, Energia, Etc.; (iii) distribuição de renda em favor dos mais pobres; (iv) atuar em setores em que existem falhas de mercado: Monopólio Natural, Externalidades, etc.; (v) atuar com a execução de planos econômicos com o objetivo de gerar crescimento econômico; (vi) elaborar políticas de geração de empregos; (vii) o Estado não deve ter função alguma na gestão econômica; (viii) controle inflacionário; (ix) proteção da propriedade privada e supervisão de contratos; (x) prover políticas universais (para todos) de saúde, educação e proteção social; (xi) Outros; e(xii) um campo para acrescentar uma nova opção.

Após responder sobre a prioridade, o aluno respondia duas questões estruturadas da mesma forma, dessa vez versando sobre a segunda prioridade e a terceira respectivamente. Finalizando esse bloco, incluiu-se uma pergunta que solicitava ao aluno indicar se alguma dessas opções, todas elas ou nenhuma, não deveriam ser atribuídas ao Estado.

Com o objetivo de mapear e qualificar o conhecimento prévio do entrevistado acerca da economia enquanto campo de estudos, foi feita uma pergunta a respeito do seu conhecimento de escolas econômicas, de caráter opcional e com a possibilidade de assinalar mais de uma opção, dentre as escolas que o aluno poderia indicar como conhecida, estavam: (i) Keynesianismo; (ii) Pós-keynesianismo; (iii) Liberalismo Clássico; (iv) Marxismo; (v) Escola Institucionalista; (vi) Monetarismo; (vii) Neoliberalismo; (viii) Regulacionismo; (ix) Neodesenvolvimentismo.

Ainda que essas opções incluam conceitos não necessariamente consagrados na literatura como escolas econômicas, a definição foi ampliada para mapear filosofias, escolas e correntes econômicas que os alunos não necessariamente possuam conhecimento profundo, mas que lidem em sua construção de opinião ou na busca de informações econômicas.



Na penúltima parte do formulário, perguntou-se se os alunos entendiam que decisões de política econômica impactavam diretamente suas vidas pessoais, com opções que buscavam identificar o caráter binário (sim ou não) e concomitantemente mensurar o grau de impacto percebido. Ainda, nessa seção, foi disponibilizado um campo para contribuição livre (dissertativa) acerca dos impactos (ou ausência) das políticas econômicas em suas vidas. Ao final, foi solicitado que os entrevistados assinassem o termo de ciência quanto ao uso dos dados para fins de pesquisa e divulgação científica. Embora o questionário seja o método considerado pelo autor como o mais adequado para levantamento de dados, reconhece-se as limitações do instrumento em três aspectos principais elencados por Oliveira *et al*(2016): A primeira decorre da incapacidade de auxiliar o informante em questões que podem ser mal compreendidas, em segundo lugar o desconhecimento do pesquisador quanto às condições vigentes no momento do preenchimento das respostas para o questionário impossibilita o controle da coleta de dados e sua verificação, por fim, nem sempre o público-alvo do questionário, no presente caso, os alunos do curso de gestão, é efetivamente quem responde às perguntas.

Agora que foram apresentadas as metodologias de coleta de dados, estruturação das perguntas e as possíveis limitações geradas pelo mecanismo de levantamento das informações, cabe apresentar e discorrer sobre os resultados alcançados, iniciando pelo perfil dos respondentes.

2. Resultados

Com o objetivo de facilitar a apresentação dos resultados, a apresentação dos resultados foi dividida em três subseções complementares. A primeira delas traça o perfil dos respondentes, oferecendo um panorama básico sobre idade, curso técnico frequentado e outros dados profiláticos relevantes. A segunda parte concentra-se nos instrumentos de obtenção da informação econômica, analisando as formas pelas quais os estudantes se informam sobre a economia, com especial atenção ao recorte etário e potenciais variações de geração no acesso e consumo da informação. No final da presente seção, discute-se as fontes informativas efetivamente utilizadas, incluindo veículos de imprensa, redes sociais e outros canais digitais, o que permite a identificação de padrões preferenciais e lacunas no processo de formação da consciência econômica dos estudantes.

2.1 Análise de perfil dos respondentes

Dada a densidade de informações obtidas por meio do formulário de pesquisa, cabe inicialmente apresentar aspectos que servem como instrumental para definição de um perfil acerca dos alunos que efetivamente responderam o questionário. Das 105 respostas logradas, tem-se a seguinte distribuição por curso e idade:

Tabela 01 – Distribuição dos respondentes por curso e faixa etária.

Curso / Faixa de Idade	<16 anos	Entre 16 e 18 anos	Entre 19 e 25 anos	Entre 26 e 34 anos	Entre 35 e 44 anos	Mais de 45 anos	TOTAL
Qualidade	00	00	04	04	02	00	10
Administração Modular	02	20	16	04	07	00	49
Contabilidade	00	02	06	01	03	02	14
Recursos Humanos – M-Tec	00	19	00	00	00	00	19
Administração M-Tec	00	11	02	00	00	00	13
TOTAL	02	52	28	09	12	02	105

Dados da pesquisa realizada pelo autor (2024).

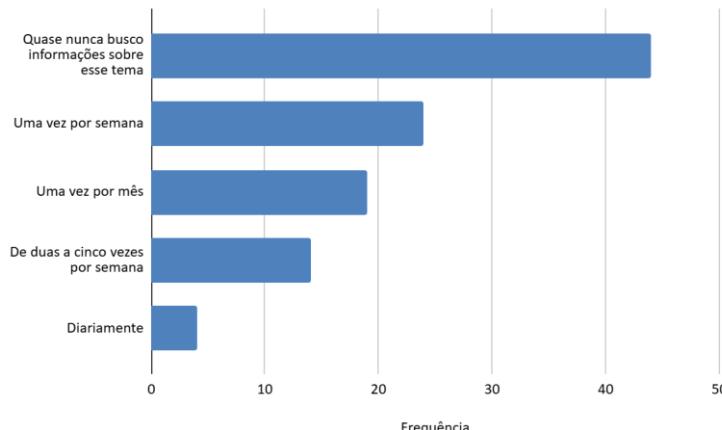
Em uma primeira aproximação, verificou-se que 70% dos alunos possuem entre 16 e 25 anos, indicando que a demanda por cursos técnicos na região metropolitana de São Paulo esteja concentrada em dois principais eixos: (i) alunos que estão cursando e concluindo o Ensino Médio (32 alunos) integrado ao curso técnico, e, (ii) jovens que buscam uma colocação ou recolocação no mercado de trabalho, ainda que estejam no estágio inicial de suas carreiras.]

Aproximadamente 60% dos alunos que responderam o formulário está matriculados em cursos de administração, ainda que esse grupo represente metade dentre aqueles do público-alvo da pesquisa, apontando um engajamento levemente superior quando comparados com os alunos dos demais cursos, que por sua vez representavam os outros 50% dos potenciais entrevistados.

Conforme apontado pela pergunta anterior, ao somarmos aqueles que indicaram não acompanhar o tema com os que indicaram a periodicidade como “quase nunca” e “uma vez por mês”, temos uma variação inferior a 2% em relação ao total de respostas negativas obtidas na questão binária inicial (sim/não).

Complementarmente, ao mapear o interesse acerca de temas econômicos, apenas 44 (41,9% do total) afirmaram ter o costume de acompanhar notícias econômicas. Além da identificação binária (sim ou não), o questionário buscou identificar a periodicidade costumeira no que concerne ao acompanhamento dessas notícias, obtendo o seguinte resultado:

Figura 01 - Periodicidade: acompanhamento de temas econômicos



Dados da pesquisa realizada pelo autor (2024).

2.2 Instrumentos de obtenção da informação e o recorte de idade

Ao analisar especificamente sobre como as pessoas buscam ou acessam as notícias relacionadas aos temas econômicos, constatou-se que a diversidade de plataformas de informação propiciou elevada diversificação entre os principais meios assinalados pelos entrevistados, conforme se segue:

Tabela 2 – Fontes de informação utilizadas pelos estudantes

Fonte de informação	Nº Indicado
Leitura de jornais online	48
Vídeos da Internet	45
Instagram	45
Telejornal	29
Não vejo nada sobre o tema	27
TikTok	26
WhatsApp	10
Facebook	7
E-mail	1
Google	1
YouTube	1
Telejornais	1
Twitter	1
Faço leituras de jornais online quando o algoritmo manda algo relacionado ao tema.	1
Notificação notícias	1
Outros	

Dados da pesquisa realizada pelo autor (2024).



Para responder tal pergunta, foi possibilitado ao aluno que assinalasse mais de uma alternativa, dados os fatores que ampliam o acesso à informação por parte de leitores ou espectadores: (i) a quantidade de informações disponíveis diariamente no ambiente virtual, (ii) a relativa facilidade para disponibilizar essas informações e (iii) a velocidade com a qual essas notícias podem ser atualizadas (Tomael & Alcará, 2021).

As três principais fontes de informações acerca de tópicos econômicos estão disponíveis especificamente de forma online, a principal forma de acesso de informações são os vídeos disponibilizados na Internet, ao todo 49 alunos mapearam que assistem vídeos na internet para dispor de informações online, dos quais 03 apontaram que buscam esses vídeos exclusivamente através da plataforma TikTok, 23 indicaram usar a ferramenta, mas buscam vídeos também em outras plataformas de vídeo e 46 alunos não usam a plataforma TikTok, apenas outras plataformas de vídeos.

A segunda fonte de informação online são os tabloides ou portais de notícias, que foram assinalados em 45,7% das respostas, 45 alunos indicaram utilizar o Instagram como forma de obtenção de notícias econômicas de forma ativa, ou seja, a busca é feita ativamente pelo usuário, ou de forma passiva, ocorrendo apenas quando o algoritmo sugere alguma publicação relacionada ao tema.

Outro aspecto interessante é a relevância que os telejornais apresentam atualmente, sendo fonte de informação para 27,6% dos respondentes, número relativamente baixo. Todavia, quando o entrevistado era questionado sobre quais programas informativos acompanha, 69 alunos indicaram ao menos um programa televisivo de notícias. Em ambos os casos (tanto os que indicaram o telejornal como fonte de informação, quanto aqueles que citaram que acompanham algum programa televisivo) tem-se uma concentração entre os mais jovens:

Figura 02 - Indicação de acompanhamento de telejornais por faixa de idade





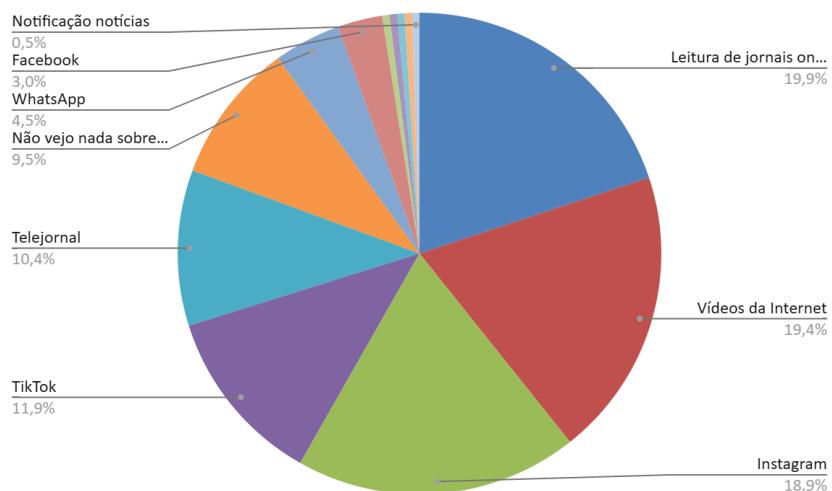
Figura 03 - Indicação de telejornais como fonte de informação por faixa de idade



Dados da pesquisa realizada pelo autor (2024).

Ao verificar as fontes de informações para as três primeiras faixas etárias, que compreendem alunos menores de 16 anos aos 25 anos, têm-se os seguintes dados:

Figura 04 - Fontes de informação (Faixa etária entre menores que 16 anos até os 25 anos)



Dados da pesquisa realizada pelo autor (2024).

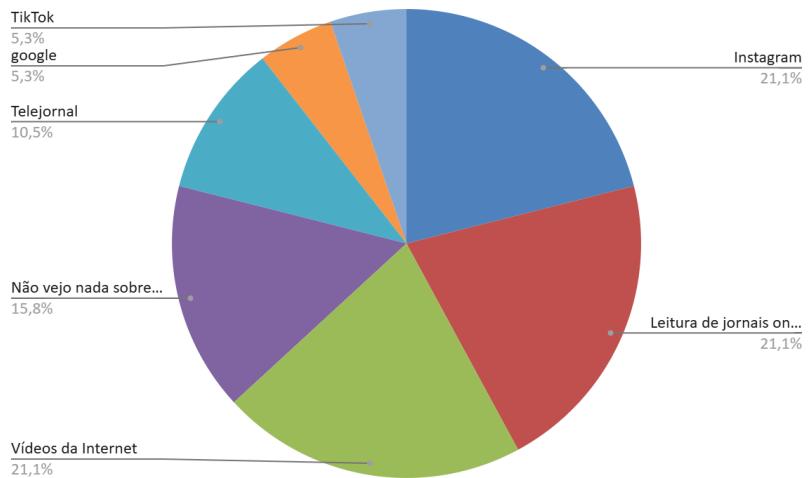
A televisão segue sendo a quarta principal fonte de informação para esse público, superando, ainda que momentaneamente, ferramentas como o WhatsApp e o TikTok⁴⁷. Paralelamente, ao verificarmos as fontes de informação para a população de faixas etárias superiores, observa-se à primeira vista um engajamento inferior ao dos mais jovens, alguns alunos alegaram dificuldade para realização da pesquisa, de natureza técnica ou de formação para tal. Ao todo, para o grupo com idade superior a 26 anos, houve 23 respostas, correspondendo a 21,9% dos respondentes.

⁴⁷ É necessário cautela ao comparar diretamente televisão com redes sociais ou aplicativos de mensagem, dado que plataformas como o WhatsApp não são mídias de conteúdo, mas canais de transmissão interpessoal, enquanto TikTok e Instagram operam por curadoria algorítmica com conteúdos majoritariamente nativos.



Para esse grupo, essas foram as principais fontes de informação assinaladas:

Figura 05 - Fontes de informação (faixa etária superior a 26 anos)



Dados da pesquisa realizada pelo autor (2024).

As duas principais fontes para o recorte com maior faixa etária são a leitura de jornais online e o acompanhamento dos telejornais. As redes sociais, o Instagram e as plataformas que disponibilizam vídeos na internet seguem sendo as mais relevantes nesse segmento, apesar de não serem a principal fonte.

Por meio de uma análise conjuntural, identifica-se que o WhatsApp e o Facebook foram pouco citados como fonte de informação, seja por não serem reconhecidos como tal (WhatsApp), seja por tratarem conteúdos de maneira distinta das outras redes, geralmente utilizadas como disseminadoras e fonte de informação, sobretudo o Facebook.

Após apresentar alguns dados gerais acerca dos meios de comunicação e realizada uma análise para diferentes faixas etárias, cabe agora examinar as diferentes fontes de informação, as diferentes opiniões sobre o papel do Estado na economia e discorrer como um aspecto se relaciona com outro a partir dos dados fornecidos pelos alunos entrevistados.

2.3 Fontes informativas

Depois de mapeados os principais meios de busca por parte dos alunos acerca das informações econômicas, foi solicitado que indicassem quais as fontes de informação utilizadas nesses meios, sendo indicados três específicos: jornais online, programas informativos televisivos e canais acompanhados pelo Youtube ou Redes Sociais. Para os dois primeiros, foram mapeados os seguintes resultados:

Tabela 03 – Fontes de informação utilizadas por estudantes em jornais online e programas televisivos

Jornais Online ou Impressos / Revistas Acadêmicas		Programas informativos de televisão	
Fonte	Quantitativo	Fonte	Quantitativo
GI	67 (63,8%)	Jornal Nacional	50 (47,6%)
Folha de S. Paulo	29 (27,6%)	Não acompanha Jornais Informativos	36 (34,6%)
O Globo	28 (26,7%)	Jornal da Record	27 (25,7%)
Nenhum	26 (24,8%)	SBT Brasil	25 (23,8%)
Uol Economia	24 (22,9%)	Globo News	17 (16,2%)
BBC Brasil	16 (15,2%)	Jornal Hoje	16 (15,2%)
Estadão	8 (7,6%)	Record News	13 (12,4%)
Outros	10 (9,5%)	-	-

Dados da pesquisa realizada pelo autor (2024).

Conforme se observa ao se analisar os jornais online ou impressos, o grupo Globo possui duas das três principais fontes de informação em periódicos essencialmente online, os portais GI e O Globo, em conjunto as fontes informativas foram assinaladas 95 vezes, o que é mais que todas as outras fontes somadas. Sem considerar outros jornais online do grupo, pela baixa representatividade nas respostas, foram incluídos no grupo “Outros”.

Mais um aspecto interessante é que as revistas acadêmicas não têm relevância como fonte de pesquisa para acompanhar discussões de temas econômicos, sendo a revista “Estudos Econômicos” da Universidade de São Paulo a única assinalada e apenas uma vez. Esse resultado era esperado, dado o nicho específico ao qual esse tipo de publicação é direcionada. O principal jornal televisivo acompanhado pelos alunos é o Jornal Nacional, seguido pelo Jornal da Record, ambos de televisão aberta. Por sua vez, ao tratar de canais por assinatura, a Globo News possui maior audiência entre os entrevistados.

Com o objetivo de verificar a influência que a leitura de jornais online pode exercer sobre os canais televisivos que o aluno acompanha, ou o contrário, a influência que programas televisivos exercem na demanda de seus portais online, bem como o poder de influência que grupos de comunicação potencialmente desempenham acerca de informações econômicas, foi feita uma análise cruzada que verificou se aqueles que leem os portais online do principal grupo, assistem a mídia televisiva do mesmo e vice-versa. Quando se analisa a indicação da leitura dos portais “O Globo” e “GI”, 70 (66,7% do total) alunos indicaram acompanhar pelo menos uma das duas fontes de notícias. Desses mesmos, 40% (28 alunos) não buscam informação em nenhum outro portal online que não os vinculados ao Grupo Globo. Ao verificar os jornais que acompanham, dos 70 alunos, 43 indicaram acompanhar jornais do mesmo conglomerado informativo, sendo que 51% desses alunos acompanham exclusivamente telejornais veiculados no canal Globo.

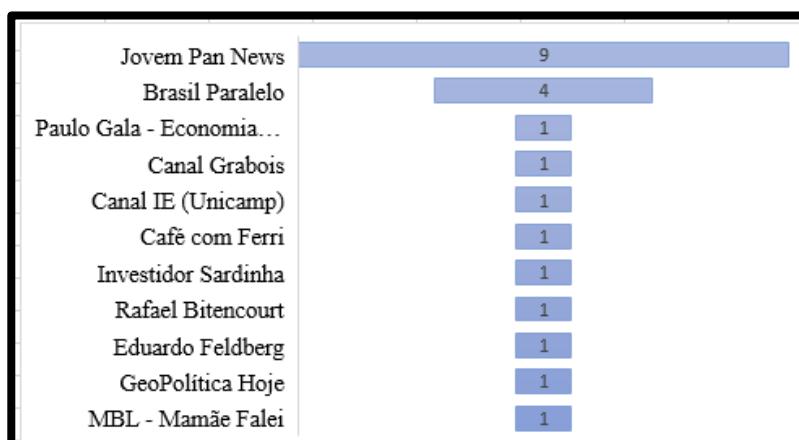


Tais dados mostram como o poder simbólico dos grandes grupos atua na construção de percepções econômicas relativamente homogêneas. Como propõe Bourdieu (2004), os agentes assumem para si as disposições culturais mediadas por estruturas hegemônicas de legitimação, limitando o horizonte crítico frente às narrativas veiculadas. Tal concentração informativa confirma, também, a noção de poder informacional descrita por Castells (2009), em que a dominação não se dá somente pelo conteúdo, mas pelo desenvolvimento e arquitetura de redes de transmissão da informação.

Ao verificar as fontes de informação observadas em vídeos do Youtube⁴⁸ ou de redes sociais, indicadas como a segunda principal fonte, não há respostas robustas acerca da indicação dos canais ou páginas que são acompanhadas. Isso pode ser originado por dois fatores: (i) as fontes de informação são tão numerosas que a informação é extraída em diversos canais diferentes, implicando a não preferência pela página/canal “A” ou “B”, e (ii) muitos alunos não reconhecem as fontes de informações que recebem pelas redes sociais, pois essas são sugeridas, automaticamente, pelas plataformas.

Em ambos os casos, o excesso de conteúdo implica a displicência por parte do receptor, possibilitando que informações incorretas, notícias falsas e análises realizadas por profissionais não necessariamente pertencentes ou com conhecimento da área tenham um potencial de capilaridade elevado, uma vez que o aluno sequer consegue/sabe indicar seus canais ou páginas favoritas ou aquelas utilizadas para coleta dessas informações, conforme se segue:

Figura 06 - Canais e Páginas: Redes sociais e plataformas de vídeo



Dados da pesquisa realizada pelo autor (2024).

A principal fonte de informação em canais online identificada é o canal Jovem Pan News, veículo que, atualmente, está sendo investigado pela disseminação de notícias falsas, bem como profissionais que atuam nesse veículo de informação (Prado, 2024). O segundo

⁴⁸ Embora o YouTube seja frequentemente associado ao consumo de notícias, trata-se de uma plataforma privada da Alphabet Inc., cujo conteúdo é gerado por produtores independentes ou empresas de mídia, com modelos de negócio e curadoria distintos dos veículos jornalísticos tradicionais (Mitchelstein & Boczkowski, 2016).



canal “Brasil Paralelo”, em 2022, foi desmonetizado pelo Tribunal Superior Eleitoral pela disseminação de notícias falsas em períodos antecedentes à eleição presidencial. Mais do que a disseminação de notícias falsas, o canal produz espetáculos midiáticos com o objetivo da promoção de revisionismo histórico, conforme aponta o professor André Bonsanto (2021):

O que faz o Brasil Paralelo é explorar os espaços de uma partilha afetiva comum, que faça da “verdade” uma causa, capaz de engajar e angariar fundos para além aquilo que ela possa produzir e/ou revelar factualmente. Costura-se a partir deste cenário um claro projeto de empreendimento político, traçado por estratégias de propaganda muito bem delimitadas. São discursos e posicionamentos que procuram se legitimar a partir de um outro tipo de narrativa midiática, de um outro tipo de história, que complexificam o ambiente (des)informativo e o colocam sob outros patamares. Ir “além” das fake News, neste sentido, é estar ciente dos complexos contornos que englobam o fenômeno, nos seus mais diversos espaços, formatos e linguagens. (Bonsanto, 2021. p. 15)

Logo, o comportamento dos que responderam a pergunta indicam que geralmente o canal é sequer identificado, e quando o é, na maioria dos casos se tratam de canais que atualmente são potenciais fontes de desinformação ou operações midiáticas de ressignificação histórica. Tal dificuldade de identificação da origem informacional pode ser interpretada como sintoma de uma característica da era da pós-verdade, em que a autoridade das fontes cede lugar à viralização e à confirmação emocional dos conteúdos consumidos.

Como observam Dardot e Laval (2016), essa lógica faz parte de uma racionalidade neoliberal, que favorece a individualização das opiniões e corrói os critérios públicos da verdade. De acordo com Bonsanto (2021), conteúdos produzidos com forte carga afetiva e narrativa passam a competir e assumir o lugar de conteúdos factuais segundo interesses ideológicos e comerciais.

A ausência de tais critérios críticos para avaliar as fontes de informação, também se relaciona a teoria da ação comunicativa de Habermas (2012), que aponta para a fragilização da esfera pública, a partir do ponto em que os processos de formação da opinião deixam de ser baseados em argumentos críticos, comunicativos ou emancipatórios, dando lugar à manipulação simbólica e à comunicação estratégica.

De forma complementar, Quijano (2018), ao abordar a juventude e cultura digital na América Latina, destaca que essas práticas são formas de subjetivação, situadas e encarnadas na vida cotidiana, que articuladas a lógicas emergentes da acumulação capitalista geram novas, e reforçam as já existentes, formas de exclusão e dominação simbólica. Esse quadro denuncia a urgência, como defende Freire (2005), de uma educação que recupere a capacidade crítica dos sujeitos diante das narrativas dominantes.

3. Percepções sobre a participação do Estado na Economia

Após analisar o perfil dos respondentes, a frequência das buscas de informações econômicas e os principais meios de informação utilizados, a pesquisa buscou identificar a opinião dos entrevistados relativamente à participação estatal na Economia, e compreender o posicionamento de discentes de gestão e negócios quanto a políticas econômicas. Posteriormente, através de respostas dissertativas livres, investigou-se como os alunos enxergam o impacto de políticas econômicas em seu cotidiano. Para identificar a opinião dos alunos acerca da participação do Estado na economia, elencaram-se três perguntas iniciais, solicitando que o aluno indicasse quais deveriam ser a primeira, a segunda e a terceira prioridade do Estado na gestão econômica, possibilitando que fosse assinalada apenas uma alternativa das que foram explicitamente indicadas, ou que o aluno indicasse uma outra pauta se julgasse necessário, para essas três perguntas, observou-se o seguinte resultado:

Tabela 04 - Quais as prioridades do Estado na gestão econômica

Descrição (Prioridade)	Quantitativo (1º prioridade)	Quantitativo (2º prioridade)	Quantitativo (3º prioridade)	TOTAL
Atuar com a execução de planos econômicos com o objetivo de gerar crescimento econômico.	46 (43,8%)	21 (20,0%)	12 (11,4%)	79
Prover políticas universais (Para todos) de saúde, educação e proteção social	22 (21,0%)	26 (24,8%)	5 (4,8%)	53
Regular setores estratégicos: Comunicação, Saneamento Básico, Energia, Etc.	18 (17,1%)	17 (16,2%)	22 (21,1%)	57
Atuar em setores em que existem falhas de mercado: Monopólio Natural, Externalidades, etc.	5 (4,8%)	6 (5,7%)	11 (10,5%)	22
Controle Inflacionário	4 (3,8%)	8 (7,6%)	17 (16,2%)	29
Erradicar a pobreza	4 (3,8%)	5 (4,8%)	12 (11,4%)	21
Distribuição de renda em favor dos mais pobres	4 (3,8%)	7 (6,7%)	7 (6,7%)	18
Elaborar políticas para geração de empregos	0 (0,0%)	10 (9,5%)	15 (14,3%)	25
Proteção da Propriedade Privada e supervisão de contratos	0 (0,0%)	1 (1,0%)	1 (1,0%)	2
Redução de gastos públicos	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (1,0%)	1
Promoção do desenvolvimento sustentável*	0 (0,0%)	1 (1,0%)	0 (0,0%)	1
Direito a bens e serviços*	0 (0,0%)	1 (1,0%)	0 (0,0%)	1
Não sei dizer	2 (1,9%)	2 (1,9%)	2 (1,9%)	6

* Tópicos adicionados pelos alunos

Dados da pesquisa realizada pelo autor (2024).



A execução de planos para promoção do crescimento econômico foi indicada como a principal prioridade das intervenções governamentais na economia, seguida pela regulação de setores estratégicos e, apenas em terceiro lugar, prover políticas universais de saúde, educação e proteção social. Os dados revelam que, o aluno médio, a partir das informações que obtém em seu cotidiano, entende que a ação estatal deve priorizar os eixos de crescimento, regulação estratégica e atuar na promoção de políticas inclusivas universais.

Buscando complementar esse primeiro mapeamento acerca das opiniões, perguntou-se aos alunos se alguma das opções dadas anteriormente - sendo possível adicionar uma resposta ao campo “outros – não deveria ser atribuída ao Estado, os resultados obtidos foram os seguintes:

Tabela 05 - Quais funções não devem ser executadas pelo Estado?

Opção	Quantitativo
Todas as funções acima elencadas devem ser executadas pelo Estado	39
Proteção da propriedade privada e supervisão de contratos	16
O Estado não deve ter função alguma na gestão econômica	15
Distribuição de renda em favor dos mais pobres	7
Erradicar a pobreza	6
Controle Inflacionário	4
Regular setores estratégicos: comunicação, saneamento básico, energia, etc.	4
Atuar em setores em que existem falhas de mercado: Monopólio Natural, Externalidades, etc.	3
Prover políticas universais (para todos) de saúde, educação e proteção social	2
Atuar com a execução de planos econômicos com o objetivo de gerar crescimento econômico.	2
Elaborar políticas de geração de empregos	2
Algumas aprovações das leis sobre a economia. *	1
Regulagem de preços de quaisquer produtos, de forma direta. *	1
Regulamentar redes sociais, ter tantas estatais como hoje tem. *	1
Não Sei	1

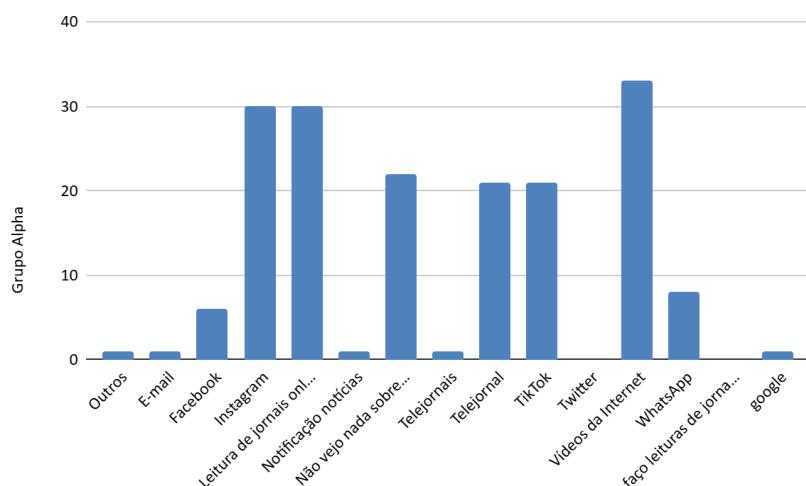
* Tópicos adicionados pelos alunos

Dados da pesquisa realizada pelo autor (2024).

Ao realizar um cruzamento com os dados da resposta anterior, pode-se mapear que grande parte dos alunos acredita que o Estado deve atuar diretamente no campo econômico, visto que 37,1% dos alunos indicam que todas as funções anteriores devem ser executadas pelo governo. Apenas 14,3% dos alunos assinalaram que o Estado não deve ter atuação nenhuma no funcionamento econômico. Enquanto, 12,4% das respostas indicaram que não devem existir políticas de redistribuição de renda ou combate à pobreza.

Somando os grupos que apontaram que o Estado não deve ter atuação nenhuma, ou que sua atuação está limitada à não alteração nos níveis de rendimento entre as classes sociais (conjunto que chamaremos por “Alpha”), verificam-se as seguintes fontes de informação entre os que selecionaram essas opções na pergunta anterior:

Figura 07 - Fonte de informação: Grupo Alpha



Dados da pesquisa realizada pelo autor (2024).

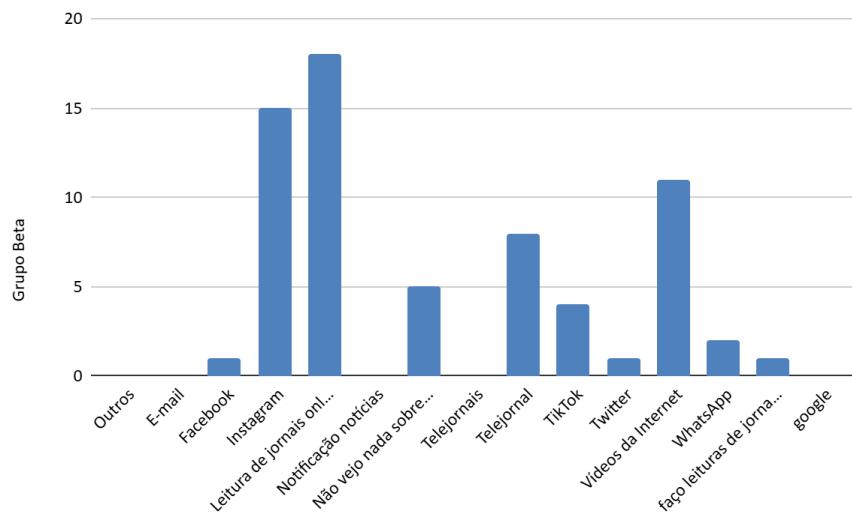
Observa-se que esse grupo se informa, prioritariamente, por meio de vídeos na internet, seja por plataformas específicas ou redes sociais de vídeos, bem como Instagram e WhatsApp. Menos de um terço desse conjunto acompanha notícias produzidas por telejornais ou de notícias publicadas em jornais online. Em aparente contradição, quase 50% dos alunos que indicaram que o Estado não deveria ter função alguma na economia, elencaram como prioridade a atuação para promoção do crescimento econômico.

Tal dissonância mostra um problema de coerência argumentativa, como discutido em Habermas (2012), ao tratar do enfraquecimento da esfera pública e da predominância de opiniões não mediadas por processos comunicativos racionais. A influência exercida pelas redes sociais e da informação cada vez mais fragmentada potencializa essa contradição, ao favorecer posicionamentos economicamente incongruentes, mas que são emocionalmente consolidados.

Dada a ferramenta de coleta de dados e suas limitações anteriormente expostas, principalmente, a primeira, que decorre da incapacidade de auxiliar o respondente em questões que podem ser mal compreendidas, não será possível mensurar qual a opinião efetiva do aluno acerca do tema, tendo esses dados apenas como indicadores de tendência, inclusive quanto a complexidade e divergências subjetivas sobre o tema.

Complementarmente, cabe a verificação das fontes utilizadas pelo conjunto que acredita que todas as funções apresentadas na questão anterior devem ser executadas pelo Estado, grupo esse formado por 39 alunos, que representam 37,1% da fatia de respostas obtidas, grupo denominado “Beta”:

Figura 08 - Fonte de informação: Grupo Beta



Dados da pesquisa realizada pelo autor (2024).

A principal mídia pela qual consomem informações é o Instagram, seguido pela leitura de jornais online, vídeos da internet e telejornais. Observa-se para esse grupo um menor peso relativo das redes sociais WhatsApp e TikTok. A única fonte não citada pelo conjunto Alpha e que aparece em 4% das respostas para os alunos do grupo Beta é o Facebook. Cabe observar que conteúdos acessados via redes sociais frequentemente têm origem em veículos tradicionais. Essa sobreposição limita a identificação da matriz de produção da informação, tornando ambíguo o diagnóstico sobre as fontes mais consumidas.

Com o objetivo de aprofundar a compreensão das relações entre o perfil ideológico e as mídias acessadas, elaborou-se uma categorização para comparação, conforme a tabela 06. Os entrevistados foram elencados em dois grandes grupos: aqueles com tendência intervencionista, que defendem uma participação mais ativa do Estado na economia, e os com posicionamento liberal, que preferem uma atuação mais restrita. A partir disso, verificou-se os principais canais que cada grupo utilizava.

Tabela 06 - Classificação ideológica e principais canais de informação

Classificação	Instagram	TikTok	Vídeos Online	WhatsApp
Intervencionista	44%	22%	41%	7%
Liberal	41%	31%	47%	16%

Dados da pesquisa realizada pelo autor (2024).

A tabela mostra maior concentração no uso do TikTok e WhatsApp entre os alunos com tendência liberal, o que sugere que redes com conteúdo mais ágil, fragmentado e de baixa curadoria são preferidas por este grupo, ainda que tal evidência mereça maiores



estudos. Os estudantes com posicionamento intervencionista usam relativamente mais o Instagram e possuem menor dependência do WhatsApp para tal fim, o que sugere um padrão de consumo da informação com mais exposição de conteúdos jornalísticos ou ativistas. Tal comportamento, reforça a hipótese de que o tipo de mídia acessada molda a estrutura argumentativa e ideológica dos sujeitos, conforme apontado por Quijano (2018) e Dardot e Laval (2016).

Os dados da classificação ideológica e consumo da informação, devem ser contextualizados no cenário brasileiro mais amplo. Dados do TIC Kids Online Brasil de 2023, apontam que 95% dos jovens entre 9 e 17 anos acessam a internet no país, com predominância das redes do presente estudo: Instagram, TikTok e YouTube, com o WhatsApp também sendo relevante, principalmente nas classes sociais de menor renda. Complementarmente, o TIC Educação do mesmo ano, sinaliza que 55% das escolas públicas no país forneciam conectividade aos alunos, sendo essa infraestrutura particularmente limitada nas regiões Norte e no Ensino Médio de escolas com alunos pertencentes a renda familiar inferior.

A caracterização etária dos dois subconjuntos é muito similar, dado o perfil dos respondentes da pesquisa, conforme apontado na segunda seção, em ambos os casos aproximadamente 76% da composição do grupo estão entre os 16 e 25 anos.

3.1 Análise Qualitativa

Com o objetivo de melhor qualificar o perfil do aluno do curso de gestão acerca das informações econômicas, foi solicitado que respondesse se acreditava que a política econômica adotada por um governo poderia impactar sua vida: 72,4% dos alunos disseram que a política econômica impacta significativamente suas vidas; 25,7% relataram impacto moderado; apenas 1,9% disseram que exercem impacto mínimo, e; nenhum aluno indicou ausência de impacto.

Em etapa subsequente, solicitou-se que os alunos descrevessem, brevemente, de que forma a política econômica afeta suas vidas. As respostas obtidas, apesar de não apresentarem um padrão homogêneo, revelaram termos recorrentes que sugerem preocupações fundamentais, que assumem caráter espontâneo pela inexistência de alternativas selecionáveis.

O principal impacto, segundo os alunos, é exercido pela inflação e elevados custos de vida, indicados diretamente por esses termos: “Pode impactar no controle e no descontrole da inflação e também nos investimentos”. Ou indiretamente, quando o entrevistado apesar de dimensionar o impacto da economia a muitos aspectos da sua vida, restringe o exemplo de sua resposta a flutuações de preços “a economia afeta diretamente no nosso custo de vida em todos os sentidos.preços dos alimentos, medicamentos e etc.”⁴⁹

⁴⁹ As respostas fornecidas estão com a ortografia reproduzida do formulário.

A predominância da percepção econômica a partir de variáveis cotidianas pode ser compreendida a partir da óptica de Castells (2009), segundo o qual o poder informacional é exercido pelas redes digitais que estruturam o fluxo de informações. A seleção algorítmica do conteúdo, aliada a centralidade dos meios digitais no processo de formação de opinião, reduz a amplitude das análises. Tal aspecto, favorece temas de apelo imediato e emocional, como inflação e preços, em detrimento de problemas localizados na estrutura econômica.

Figura 09 - Frequência de termos utilizados nas respostas abertas do questionário



Dados da pesquisa realizada pelo autor (2024).

Um segundo aspecto lembrado em grande parte das respostas, diz respeito ao emprego e ao desemprego. Na visão dos entrevistados uma boa política econômica é capaz de gerar novos postos de trabalho, enquanto uma política econômica inadequada⁵⁰ gerará desemprego. Ainda na celeuma econômica, mais do que propriamente o controle da flutuação de preços, os alunos indicam que a política econômica deve levar em consideração a preservação e o aumento do poder de compra para os membros da sociedade: “A política econômica afeta minha vida - e a vida de todos - pois ela delimita o poder de compra e consumo dos cidadãos, com isso, ela determina meu acesso a determinados produtos, serviços e recursos.”

Outra importante característica, encontrada nas respostas dissertativas fornecidas, é a consciência ou indicação de que membros das classes mais pobres da pirâmide de renda são os principais prejudicados pela ineficácia de uma política econômica, conforme colocado no final da seguinte resposta fornecida: *A economia tem um papel crucial para a vida de todo cidadão, ela determina os preços de bens, serviços e uso e consumo, afeta no emprego na renda, enfim, em tudo que é preciso para a sobrevivencia. Toda medida tomada*

⁵⁰ Não cabe ao presente trabalho elencar de forma normativa o que seria uma política econômica boa ou má, mas sim demonstrar que os alunos em suas respostas citaram essa diferenciação, provavelmente com resultados pós-post.



pela política econômica quem sofre somos nós. – Política econômica – sofrimento etc.” (Aluno não identificado).

Algumas falas apontam para funções do Estado potencialmente fora do eixo econômico, como a indicação de que “fazer com que todos tenham os mesmos direitos e benefícios”. Algumas respostas ampliaram a atuação do Estado refletindo a ação econômica de forma multifacetada, portanto, determinado e sendo determinada por outros aspectos sociais, conforme se segue: *As políticas econômicas adotadas pelo Estado causam impacto em nossas vidas desde que nascemos. A maneira como somos criados e com quais recursos podemos contar durante o nosso crescimento, também refletem nas oportunidades e resultados que teremos no futuro.* (Aluno não identificado.)

Algumas respostas, em um número pouco expressivo, citaram o fornecimento de políticas distributivas universais, indicando potencialmente que, apesar de utilizar serviços de educação (conforme o próprio curso em que estão matriculados), saúde e em alguns casos seguridade social, os alunos não enxergam, essas políticas públicas como internas e determinantes do eixo econômico. A resposta transcrita a seguir, foi uma exceção à regra das demais respostas: *Porque faço parte da classe baixa, acredito que todos nós temos nossos direitos como cidadão, me impacta, pois, sempre estudei em escola pública, uso o SUS, enfim e sem esses “benefícios” eu não teria um estudo bom e não teria onde ter consultas etc.* (Aluno não identificado).

O distanciamento entre a vivência e a percepção crítica resulta de disposições internalizadas em trajetórias escolares e sociais marcadas por desigualdades simbólicas (Bourdieu, 2004). Mesmo que dependam de políticas públicas universais, parte relevante dos estudantes não as reconhecem como produto de decisões macroeconômicas, evidenciando uma naturalização da presença de tais fatores, ocultando o Estado enquanto agente estruturante da economia.

A definição das taxas de juros é percebida pelos alunos como um fator relevante, especialmente por impactar diretamente o poder de consumo na aquisição de bens de maior valor por meio de parcelamentos — prática comum no Brasil, onde muitos consumidores não dispõem de recursos para pagamentos à vista (Santos et al., 2016). Além de exercer o controle inflacionário, ser responsável pelo controle do custo de vida, poder de compra e determinação das taxas de juros, uma resposta chama atenção para o fato de que políticas econômicas impactam diretamente sobre o seu “direito” de comprar e consumir. Ou seja, há aqui a consciência de que o Estado deve assegurar as relações de oferta e demanda e defender os direitos do consumidor em potenciais assimetrias na relação de consumo.

Por fim, uma resposta síntese que elenca de forma representativa as preocupações e percepções de impacto de políticas econômicas na vida dos alunos, ainda que algumas tenham sido elencadas muitas vezes e outras em raras ocasiões:

A política econômica afeta diretamente sua vida influenciando o emprego, a renda, a inflação, o acesso a serviços públicos como saúde e educação, o custo de vida e a estabilidade financeira do país. Essas políticas determinam o poder de compra, as oportunidades de trabalho, a



qualidade dos serviços públicos disponíveis e a segurança econômica geral. (Aluno não identificado)

Conclusão

A pesquisa evidenciou que, mesmo que os estudantes estejam inseridos em cursos técnicos vinculados à área de gestão e negócios, apenas uma parcela demonstra hábito sistemático de procurar informações econômicas, e quando o fazem, priorizam meios digitais como vídeos e redes sociais, principalmente TikTok, YouTube e Instagram. A leitura de jornais, ainda que relevantes, têm papel secundário. A predominância das mídias digitais confirma o diagnóstico desenvolvido por Castells (2009), de que o poder na sociedade hodierna está associado à aptidão de edificar redes informacionais que formam a percepção pública.

A exploração apontou ainda a importância do Grupo Globo como principal fonte de informação para boa parte dos respondentes, o que segundo Bourdieu (2004), por meio do jornalismo, tal capital simbólico constitui poder de legitimação das grandes corporações de mídia que tendem a limitar a diversidade de perspectivas disponíveis. Tal concentração das fontes não apenas limita o debate, mas, paralelamente, reforça disposições culturais naturalizadas, dificultando o desenvolvimento da consciência crítica autônoma.

A influência de canais associados à desinformação, como Brasil Paralelo e Jovem Pan News conforme mostra a pesquisa, é um fator de preocupação. Segundo Bonsanto (2021), essas fontes representam não apenas uma estratégia de disseminação de *fake news*, mas integram um projeto de ressignificação da história comprometendo critérios da verdade. Tal constatação se alinha à crítica de Dardot e Laval (2016), segundo a qual a lógica neoliberal estabelece uma fragmentação da verdade, favorecendo formas de subjetivação descoladas do debate público racional e crítico.

A relação entre tais fontes e as opiniões dos estudantes sobre a intervenção econômica do Estado mostra contradições relevantes. O grupo que rejeita qualquer intervenção estatal, por exemplo, considera o crescimento econômico como prioridade governamental, o que evidentemente demanda ação estatal. Tal dissonância confirma o que Freire (2005) indicava como necessidade de um processo educativo focado na leitura crítica do mundo, inclusive em relação às estruturas econômicas que moldam a vida cotidiana.

Nas respostas livres, os respondentes destacaram como impactos relevantes da política econômica em suas vidas: a inflação, o custo de vida, o emprego e o poder de compra. Apesar de relatarem experiência direta com serviços públicos, poucos alunos relacionam esses fatores a políticas econômicas. Isso evidencia a fragmentação da leitura sobre o papel do Estado, reforçando o colocado por Marx (2011) de que a ideologia dominante tende a naturalizar relações sociais desiguais, impedindo que os sujeitos identifiquem as causas estruturais de sua condição.

Nesse sentido, ao mapear de forma empírica e situada, como os jovens estudantes de cursos técnicos da região periférica de São Paulo percebem e se informam sobre a economia (articulando essa visão com a compreensão do papel do Estado), a pesquisa contribui para o campo da educação crítica ao evidenciar não apenas o acesso precário à informação qualificada, mas a influência direta da estrutura midiática na formação da opinião econômica dos jovens e socialmente vulneráveis.

Evidentemente, a presente pesquisa possui limitações metodológicas que devem ser consideradas: a própria natureza do instrumento de coleta de dados, que por ser um formulário online de autodeclaração, não foi possível esclarecer dúvidas dos participantes ou garantir a plena compreensão das perguntas. Ademais, o caráter transversal da coleta impede inferências causais mais robustas entre fontes informativas e ideologia. Por fim, a amostra restrita a três escolas de uma mesma região impõe limites à generalização dos resultados.

Referências

- BOCZKOWSKI, Pablo J.; MITCHELSTEIN, Eugenia. *The news gap: when the information preferences of the media and the public diverge*. Cambridge: MIT Press, 2013.
- BONSANTO, A. et al. Narrativas “historiográfico-midiáticas” na era da pós-verdade: Brasil Paralelo e o revisionismo histórico para além das fake news. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, 2021. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5385>. Acesso em: 26 jul. 2025.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br). *TIC Kids Online Brasil 2023: Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil*. NIC.br. 2024. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Kids_Online_2023_LivroEletronico.pdf.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal* (R. C. C. Barbosa, Trad.). Boitempo. 2016
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido* (50^a ed.). Paz e Terra. 2005.
- Fundação Telefônica Vivo & Cetic.br. *Pesquisa TIC Educação 2023: Tecnologia de informação e comunicação nas escolas brasileiras*. 2024. Disponível em: <https://www.fundacaotelefonicavivo.org.br/notas-tecnicas/pesquisa-tic-educacao-2023/>
- HABERMAS, J. *Consciência moral e agir comunicativo* (2^a ed., G. Cohn, Trad.). WMF Martins Fontes. 2012.
- JACOBINI, M. L. de P. O jornalismo econômico e a concepção de mercado: Uma análise de conteúdo dos cadernos de economia da Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo. *Brazilian Journalism Research*, 4(2), 190–209. 2008. <https://doi.org/10.25200/BJR.v4n2.2008.171>
- MARX, K. *O capital: Crítica da economia política* (Vol. I; R. D. Loureiro, Trad.). Boitempo. 2011.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. In: *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2008. p. 356-356.



- OLIVEIRA, J. C. P. de, et al. O questionário, o formulário e a entrevista como instrumentos de coleta de dados: Vantagens e desvantagens do seu uso na pesquisa de campo em ciências humanas. In III Congresso Nacional de Educação (pp. 1–13). 2016.
- PRADO, P. B. . Comentarista da Jovem Pan é multada pelo TSE por fake news contra Janja da Silva. Terra. 2004 Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/comentarista-da-jovem-pan-e-multada-pelo-tse-por-fake-news-contra-janja-da-silva.9c246045e61d44648ca6d8c5a27883f14nsgn4yb.html>
- QUIJANO, P. R. Jóvenes y cultura digital: abordajes críticos desde América Latina. Chasqui, (137), 15–30. Quito, Ecuador: CIESPAL. 2018.
- SANTOS, G. A. dos,; CERVERA, M. C. da S. F., & Bezerra, K. S. (2016). Taxas de juros praticadas na comercialização de eletrodomésticos no agreste alagoano: Um estudo de caso. *Diversitas Journal*, 1(3), 289–303.2016. <https://doi.org/10.17648/diversitas-journal-v1i3.480>
- TOMÁEL, M. I., & Alcará, A. R. Fontes de informação digital. EDUEL. 2021.



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License.